ADOLESCENTES AUTORES DE HOMICÍDIO: revisão sistemática dos fatores de risco

DOI: 10.22289/2446-922X.V7N1A10

Sthefanny Meira **Moreira**¹
Roberta Sasha Guedes **Vieira**
Elisabete Agrela de **Andrade**

RESUMO

A atual pesquisa analisou os fatores de risco associados ao cometimento de homicídio na adolescência. Esta pesquisa é uma revisão bibliográfica sistemática da literatura científica. As bases de dados utilizadas foram: Scielo, Pubmed e periódicos CAPES. Somente 10 artigos atenderam aos critérios de inclusão e exclusão e a remoção das duplicatas. Foram encontrados fatores sociais, comportamentais, psicológicos, psicopatológicos e biológicos associados ao cometimento de homicídio na adolescência. Nenhum fator isoladamente mostrou-se determinante para que o adolescente cometa homicídio. Pontua-se a importância de medidas preventivas para esse fenômeno.

Palavras-chave Adolescentes; Homicídio; Fatores de Risco; Delinquência Juvenil.

131

ADOLESCENT PERPETRATORS OF HOMICIDE: systematic review of risk factors

ABSTRACT

The current research analyzed the risk factors associated with committing homicide in adolescence. This research is a systematic literature review of the scientific literature. The databases that were used are: Scielo, Pubmed and CAPES journals. Only 10 articles met the inclusion and exclusion criteria and the removal of duplicates. Social, behavioral, psychological, psychopathological and biological factors associated with homicide in adolescence were found. No single factor was found to be decisive for the adolescent to commit homicide. The importance of preventive measures for this phenomenon is highlighted.

Keywords: Adolescents; Homicide; Risk Factors; Juvenile Delinquency.

PERPETRADORES DE HOMICIDIOS ADOLESCENTES: revisión sistemática de los factores de riesgo

¹ Endereço eletrônico de contato: sthefannymeirapsi@gmail.com

Recebido em 15/12/2020. Aprovado pelo conselho editorial para publicação em 15/03/2021.

RESUMEN

La investigación actual analizó los factores de riesgo asociados con la comisión de homicidio en la adolescencia. Esta investigación es una revisión bibliográfica sistemática de la literatura científica. Las bases de datos utilizadas fueron: revistas Scielo, Pubmed y CAPES. Sólo 10 artículos cumplían los criterios de inclusión y exclusión y la eliminación de duplicados. Se encontraron factores sociales, conductuales, psicológicos, psicopatológicos y biológicos asociados con la comisión de homicidios en la adolescencia. Ningún factor por sí solo demostró ser determinante para que el adolescente cometiera un asesinato. Se pone de relieve la importancia de las medidas preventivas para este fenómeno

Palabras clave: Adolescentes; Homicidios; Factores de riesgo; Delincuencia Juvenil.

1 INTRODUÇÃO

A Organização Mundial da Saúde em 1996 declarou a violência como um problema de saúde e de segurança pública (Krug et al., 2002, citado por Gawryszewski, Kahn & Mello Jorge, 2005). No Brasil os homicídios são a causa de óbito de cerca de 56,5% dos homens entre 15 e 29 anos, índice que tem aumentado ao longo dos anos (Fórum brasileiro de segurança pública, 2018²). O aumento da criminalidade urbana tem tomado proporções significativas, ainda que de forma assimétrica, nos estados da federação Brasileira (Fórum brasileiro de segurança pública, 2018^{1 2}; Mourão & Silveira, 2014), com a inserção crescente de adolescentes nas atividades criminais (Fórum brasileiro de segurança pública, 2018^{1 2}; departamento da infância e da juventude, 2017).

Entre 1996 e 2016, o número de jovens entre 12 e 17 anos que foram apreendidos pela prática de crimes no Brasil aumentou em mais de 600%, chegando a marca de 26.868 em 2015, dentre os quais o terceiro e o quinto tipo de crime mais praticado é o homicídio e a tentativa de homicídio respectivamente, o que representa 12,7% do total de infrações cometidas pelos jovens com menos de 18 anos (Fórum brasileiro de segurança pública, 2018²).

A adolescência é um construto social que denomina a fase de transição entre a infância e a idade adulta. É o período caracterizado pelas mudanças físicas, cognitivas e psicossociais, no qual se intensifica a busca pela identidade, tornando-se por isso mais proeminentes os riscos do surgimento de transtornos comportamentais, como conduta antissocial e delinquência (Papalia, 2013), que podem ser confundidos com traços considerados patologias normais a este período (Aberastury & Knobel, 1992). Alguns adolescentes que manifestam condutas transgressoras ou atos de rebeldia podem apresentar concomitantemente níveis normais de adequação à sociedade, enquanto outros apresentam formas persistentes de condutas infracionais e desadaptação social (Nardi & Dell'aglio, 2012 citados por Wainer, 2006).

O homicídio é o crime contra a vida (Brasil, 1940), o maior bem humano, o que caracteriza um fenômeno gravíssimo e complexo, especialmente quando cometido por adolescentes. Estudos têm sido realizados ao longo dos últimos anos com o objetivo de identificar alguns dos fatores

associados ao cometimento de homicídio ou tentativa de homicídio por adolescentes, contribuindo para que seja possível identificar os grupos de risco e promover estratégias de amenização desses fatores.

No entanto, dificilmente algum fator isolado poderá ser considerado determinante para o desencadeamento deste fenômeno (Galo & Williams, 2005). Diversos autores apontam que é a combinação entre condições socioculturais e pessoais desfavoráveis que pode estimular o surgimento, intensificação, persistência e gravidade dos atos infracionais (Fogaça 2015; Formiga, 2013; Galo & William, 2005; Nardi & Dell'Argilo, 2012; Steinbrg et al., 1981).

A presente proposta de pesquisa se atenta à compreensão de fatores relevantes no contexto do crescente aumento da criminalidade juvenil na sociedade brasileira, especificamente o cometimento de homicídio e tentativa de homicídio, que se caracterizam como crimes violentos que ofendem o maior bem humano: o direito à vida. Até o momento, foram publicados no Brasil poucos estudos dedicados a compreensão dos fatores de risco que motivam jovens com menos de 18 anos a cometer este tipo de crime. Contudo, a pesquisa propõe-se a contribuir com o preenchimento desta lacuna tendo como questão norteadora descrever e discutir os fatores de risco associados ao cometimento de homicídio doloso ou tentativa de homicídio por adolescentes, a fim de contribuir para a compreensão teórica desse fenômeno.

2 METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa de natureza bibliográfica do tipo de revisão sistemática da literatura. Na etapa inicial foi realizado um levantamento bibliográfico preliminar com as palavras-chave “Homicídio” e “Adolescente”, “homicide” e “juvenile”, “Adolescent” e “Violent” e offenders” (verificadas no Decs <http://decs.bvs.br/>) nas bases de dado Scielo, Pubmed e periódicos CAPES.

Como estratégia metodológica, foi construída uma tabela para compreensão da abrangência da temática na literatura científica e para definição dos passos seguintes das revisões. Conforme é possível visualizar na tabela 1, na pesquisa realizada foram encontrados centenas de artigos nas bases Pubmed e CAPES sendo a maioria a respeito do adolescente como vítima de homicídio, relacionados a temas distintos do objetivo da atual pesquisa, ou de acesso restrito. Por isso, de forma cautelosa, foram averiguados os artigos que se enquadravam para a revisão proposta. A seleção dos artigos foi realizada em 3 passos: 1) busca nas bases de dados; 2) seleção pelo título, resumo e exclusão; 3) leitura dos artigos selecionados pelos critérios de exclusão e inclusão.

Tabela 1. Total de artigos encontrados inicialmente nas bases pesquisadas a partir das palavras-chave

Palavras-chave	“Homicídio”	“homicide”	“Adolescent” AND
Pesquisadas em cada base	AND “Adolescente”	AND “juvenile”	“Violent” AND “offenders”
Scielo	14	40	3
Pubmed	636	255	859
Periódicos CAPES	235	160	Impossibilidade de pesquisar três palavras

Fonte: Elaborado pelos Autores (2020)

Os critérios de inclusão foram: a cobertura cronológica entre os anos 2007 e 2019; ser um artigo de livre acesso; ter versão completa do texto disponível nas bases de dados consultadas; estar disponível na língua portuguesa, espanhola ou inglesa; abordar algum fator de risco associado ao crime de homicídio doloso ou tentativa de homicídio cometido por indivíduos na adolescência; abordar adolescentes autores de homicídio doloso ou tentativa de homicídio. A tentativa de homicídio foi incluída como critério de inclusão porque, frequentemente, a diferença prática entre o homicídio e a tentativa é a letalidade da arma utilizada pelo agressor ou o tempo de espera a que a vítima foi submetida até obter os cuidados médicos emergenciais necessários para salvá-la (Baglivio & Wolff, 2017). Foi considerada, portanto, a intenção de matar.

Os critérios de exclusão foram: abordar adolescentes como vítimas ao invés de autores de homicídio; abordar homicídios cometidos antes dos 12 anos ou depois dos 19 anos de idade; abordar apenas homicídio culposo ou latrocínio; ter enfoque em outras infrações, sem distinguir os fatores associados ao homicídio dos fatores associados às outras infrações; ser duplicata.

Posteriormente, para tratamento e organização dos artigos foi construída uma tabela no Excel. Em seguida, foram excluídas as duplicatas e textos não publicados em revistas científicas. Foram então lidos os títulos e Abstracts, na qual, foram removidos artigos não relacionados à temática do estudo. Assim, foi realizada a etapa de leitura (textos completos) atenta e interpretação dos artigos selecionados. Todos artigos foram lidos por mais de um pesquisador.

Buscou-se analisar os dados obtidos de forma qualitativa e quantitativa. Para o desenvolvimento das análises, extraiu-se, em função do conteúdo obtido, os dados que descreviam ou expuseram fatores de riscos para o adolescente cometer homicídio. A partir disso, foram classificados os seguintes grupos de fatores: sociais, perfil psicológico, histórico psicopatológico, condutas delituosa e fatores biológicos. A análise quantitativa foi elaborada a partir do número de ocorrências de tais fatores relatados nos artigos. Já a qualitativa explorou criticamente os resultados

com embasamento teórico e aprofundamento para uma análise psicanalítica tendo como norte Winnicott (2005).

3 RESULTADOS

O total de artigos localizados nas três fontes consultadas foi 2.201, dos quais 10 foram selecionados cautelosamente, conforme os critérios de inclusão e exclusão supracitados (figura 1). Dos artigos selecionados, 4 são provenientes do Brasil, 2 dos Estados Unidos, 1 da Finlândia, 2 da Colômbia e 1 da Costa Rica; os trabalhos foram acessados nos idiomas Português (4), Espanhol (3) e Inglês (3). A data de publicação dos artigos variou entre 2007 e 2019. Os artigos consistem em 5 pesquisas de campo, 4 análises documentais, 1 pesquisa de campo com análise documental e 1 revisão narrativa, como descrito na tabela 2 que apresenta os autores de cada pesquisa. Os 10 artigos selecionados foram lidos completamente em seu idioma original e tiveram trechos traduzidos para o fichamento em português.

Fonte: Elaborado pelos Autores (2020)

Figura 1. Fluxograma de seleção de estudos sobre associação homicídio e adolescência entre 2007 e 2019

Nota: No fluxograma é possível compreender de forma detalhada o processo metodológico da revisão. Tal figura foi baseada no modelo do Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses (PRISMA) (Moher,2009).

Tabela 2. Caracterização do objetivo dos artigos da revisão

Autores	Objetivo geral proposto	Método utilizado
Gomide, 2010	Revisar a temática e relatar um caso de um adolescente que matou sua mãe e a influência de variáveis.	Pesquisa de campo: relato de caso
Zamora, 2011	Analisar fatores influenciadores para um adolescente cometer homicídio.	Pesquisa de campo: relato de caso
Cartagen a et al., 2010	Analisar 16 arquivos de adolescentes condenados por homicídio antes de 2006.	Investigação documental: Arquivos de adolescentes condenados por homicídio.
Souza & Resende, 2016	Caracterizar perfis de personalidade de 33 adolescentes que cometeram homicídio.	Pesquisa de campo: entrevista semiestruturada e aplicação de teste
Souza & Resende, 2012	Discorrer sobre o caso de dois adolescentes em medidas socioeducativas, um preso por furto e por ter várias passagens pela polícia por crimes semelhantes e o outro por homicídio.	Pesquisa de campo e análise documental de prontuários
González et al., 2007	Amplificar a visão a respeito de homicídios juvenis, dando ênfase nos fatores de risco para a violência e homicídio através de uma revisão narrativa da literatura médica.	Revisão narrativa da literatura médica
Schorr et al., 2019	Avaliar o perfil sociodemográfico, psiquiátrico e o perfil criminal de adolescentes infratores condenados por homicídio ou tentativa de homicídio e comparar com adolescente condenados por outros crimes.	Revisão documental de prontuários

Baglivio & Wolf, 2017	Analisar os fatores de risco prospectivos antes dos 13 anos de idade de adolescentes que cometeram crime de homicídio aos 18 anos.	Análise documental: Dados do Departamento de Justiça Juvenil da Flórida
Lindberg et al., 2009	Avaliar características de psicopatia da personalidade dos adolescentes autores de homicídios em comparação com adultos condenados por homicídio.	Análise documental de exames forenses
Cope et al., 2014	Analisar a massa cinzenta cerebral de jovens que cometeram homicídio e que tinham traços emocionais e comportamentais insensíveis apresentavam anormalidade na substância cinza cerebral quando comparados com outros grupos.	Pesquisa de campo: neuroimagem e morfometria baseada em voxel para examinar a massa cinzenta do cérebro.

Fonte: Elaborado pelos Autores (2020)

Tabela 3. Quantidade (nº) e porcentagem dos fatores de risco encontrados nos artigos selecionados e respectivos autores, Brasil, 2020

137

Fator de risco	Nº (%)	Autores
Fatores Sociais	9 (90%)	González et al, 2007; Schorr et al., 2019; Lindberg et al, 2009; Souza & Resende, 2012; Cartagena, Orozco & Lara, 2010; Souza & Resende, 2016; Baglivio e Wolf; 2017; Gomide, 2010; Zamora, 2010.
Perfil Psicológico	8 (80%)	Baglivio & Wolf, 2017; Lindberg et al., 2009; Gomide, 2010; Zamora, 2010; Cartagena, Orozco & Lara, 2010; González, Escobar-Córdoba & Castañeda, 2007; Souza e Resende, 2016; Cope et al., 2014
Histórico Psicopatológico	7(70%)	Baglivio & Wolf, 2017; Cartagena, Orozco & Lara, 2010; Gomide, 2010; González, Escobar-Córdoba & Castañeda, 2007; Lindberg et al., 2009; Schorr et al., 2019; Zamora, 2010.

Condutas delituosas	6 (60%)	González et al., 2007; Souza & Resende, 2016; Souza & Resende, 2012; Cartagena et al., 2010; Schorr et al., 2019; Lindberg, 2009)
Fatores Biológicos	3 (30%)	Cope et al., 2014; Escobar-Córdoba & Castañeda, 2007; Gonzáles et al., 2007.

Fonte: Elaborado pelos Autores (2020)

Após a análise dos resultados procedeu-se a uma classificação em função do conteúdo encontrado nos estudos da atual revisão. Assim, definiram-se as seguintes categorias: perfil psicológico, fatores sociais, condutas delituosas, histórico psicopatológico, fatores biológicos. Na tabela 3 é possível verificar uma organização quantitativa dos fatores mediante temática abordada nos estudos.

Definiu-se como tópico “Casos de Parricídio” para uma descrição mais detalhada destes, devido às particularidades dos casos, tendo em vista que ambos foram pesquisas cujo método utilizado foi relato de casos de parricídio e matricídio – em que o adolescente é o autor do homicídio do pai ou da mãe ou de alguma figura parental. Porém, salienta-se que os casos não deixaram de ser analisados e classificados nas outras categorias, havendo exclusividade no tópico apenas para esclarecimento das peculiaridades e dos detalhes que expressaram.

138

Fatores Sociais

As pesquisas constataram que adolescentes que cometeram homicídio apresentam alta prevalência de exposição à negligência, abusos ou violência extrema no ambiente familiar durante a infância como vítimas e/ou testemunhas (Souza & Resende, 2012; Souza & Resende, 2016; Cartagena et al., 2010; Gomide, 2010; Zamora, 2010; Heide, 1997, citados por Gonzáles et al., 2007) tiveram histórico de delinquência na família (Schorr et al., 2019; Lindberg et al., 2009), tiveram pais/familiares próximos que tenham sido assassinados (Souza & Resende, 2012; Lindberg et al., 2009), e tiveram passagens por lares adotivos ou instituições de abrigo na infância (Lindberg et al. 2009).

O estudo de Cartagena, Orozco e Lara (2010), realizado na Colômbia com um método de análise documental descritivo, analisou arquivos de 16 adolescentes condenados por homicídio doloso e verificou na amostra prevalência significativa de desemprego, realização de trabalhos informais, marginalidade, falta de oportunidades e falta de escolaridade. Quanto ao desempenho acadêmico, outras pesquisas encontraram uma correlação significativa entre maiores índices de

evasão, fracasso ou abandono escolar e o cometimento de homicídio na adolescência (Lindberg, 2009; Souza & Resende, 2016; Cartagena, Orozco & Lara, 2010; Schorr et al., 2019).

Outros fatores de alta prevalência verificados foram ter vivido em um meio social hostil, em uma família disfuncional (Lewis et al., 1983, citado por Gonzáles et al., 2007; Cartagena et al., 2010; Souza & Resende, 2012; Gomide, 2010; Zamora, 2010; Escobar-Córdoba & Castañeda, 2007), em uma família monoparental (Cartagena, Orozco & Lara, 2010); não ter tido uma figura autoritária na família ou não ter tido uma figura autoritária masculina saudável (Heide, 1997, citado por Gonzáles et al., 2007; Cartagena, Orozco & Lara, 2010) ter baixo índice socioeconômico (Heide, 1997, citado por Gonzáles et al., 2007; Souza & Resende, 2012; Souza & Resende, 2016; Cartagena, Orozco & Lara, 2010) e ter pouco ou nada a perder (Heide, 1997, citado por Gonzáles et al., 2007).

Baglivio e Wolf (2017) realizaram nos Estados Unidos um estudo prospectivo de análise documental com adolescentes que haviam sido presos pela primeira vez com 12 anos ou menos e que posteriormente foram presos por cometimento de homicídio ou tentativa de homicídio com 18 anos ou menos. Segundo os autores, da amostra inicial de 5908 adolescentes, 24 (0,5%) cometeram homicídio até os 18 anos, estes tiveram seus dados recolhidos do Departamento de Justiça Juvenil da Florida e analisados pelos pesquisadores.

A partir da análise realizada, Baglivio e Wolff (2017) verificaram que foram fatores preditivos para o cometimento de homicídio na adolescência ser do sexo masculino e ser negro, ter praticado automutilação e ter apresentado elevados índices de agressividade na época da primeira prisão, com até 12 anos de idade. Os autores ressaltaram que não foram fatores preditivos o desempenho, violência no ambiente familiar evasão e conduta escolar.

Os autores explicaram ser possível que as fortes correlações com a etnia identificadas sejam influenciadas pela concentração de desvantagens associadas, como morar em um bairro com altos índices de criminalidade, e que de forma alguma a etnia por si só configura fator de risco direto ao cometimento de homicídio na adolescência. Baglivio e Wolff (2007) pontuaram ainda que todos os adolescentes avaliados prospectivamente neste estudo apresentavam necessariamente passagem criminal, o que limita a generalização dos dados aos adolescentes que cometem homicídio em geral (Baglivio & Wolff, 2017), apesar de outros estudos também terem verificado uma correlação significativa entre o histórico criminal e cometimento de homicídio na adolescência (Souza & Resende, 2016; Souza & Resende, 2012).

Perfil Psicológico

Diversos estudos tem proposto distinguir as particularidades do perfil psicológico do adolescente que comete homicídio. Algumas pesquisas constataram alto nível de raiva ou histórico de agressividade (Baglivio & Wolf, 2017), pobre julgamento moral (Heide, 1997, citado por

González, Escobar-Córdoba & Castañeda, 2007), comportamento antissocial e desadaptação social (Lindberg et al., 2009; Gomide, 2010; Zamora, 2010; Cartagena, Orozco & Lara, 2010; González, Escobar-Córdoba & Castañeda, 2007; Souza & Resende, 2016) e traços de psicopatia como afetividade superficial, insensibilidade, falta de culpa e remorso, impulsividade e irresponsabilidade (Lindberg et al., 2009; Cope et al., 2014; Souza & Rezende, 2016).

Souza e Resende (2016) realizaram uma análise de perfis de personalidade com 33 adolescentes brasileiros dos sexos feminino e masculino com idades entre 14 e 19 anos, condenados e em medidas socioeducativas pelo cometimento de homicídio. Utilizando-se de entrevistas semiestruturadas e no método de Rorschach, os autores identificaram três grupos de personalidades: o grupo de psicopatia, composto por 48,48% dos adolescentes (16), o grupo de déficits relacionais, composto por 27,27% dos adolescentes (9), e o grupo de déficits cognitivos, composto por 18,18% dos adolescentes (6). Apenas 6,06% dos adolescentes (2) não se enquadraram em nenhum grupo. Não houve assim, uma homogeneidade nos traços de personalidade dos adolescentes autores de homicídio (Souza & Resende, 2016).

Quanto aos adolescentes com prevalência de déficits cognitivos, destacou-se o Juízo crítico e coerência limitados, pensamentos excêntricos e desajustamento de percepção, incluindo uma grave dificuldade para interpretar adequadamente as coisas e o ambiente (Souza & Resende, 2016). Segundo os autores, estas características propiciam a desadaptação social. Já no grupo de adolescentes com maiores índices de déficits relacionais, sobressaíram-se a capacidade limitada de resposta às situações de maior complexidade emocional, estilo evitativo, baixa autoestima, falta de habilidades sociais para lidar com demandas cotidianas, como se posicionar, formar e manter vínculos saudáveis, e desconsideração pelos comportamentos socialmente esperados (Souza & Rezende, 2016).

Ainda conforme apontado pelos autores, quanto aos adolescentes que foram classificados no grupo de psicopatia destacaram-se os traços de narcisismo, desinteresse social e afetivo, ausência de indício de remorso por atitudes que tenham causado irritação ou sofrimento e capacidade deficiente de vivenciar emoções, reconhecer e expressar os seus sentimentos. Os autores concluíram que em toda a amostra prevaleceu a insuficiência desadaptativa de recursos psicológicos (Souza & Rezende, 2016).

Lindberg et al. (2009) realizaram na Finlândia um estudo comparativo dos traços de psicopatia, segundo o Hare Psychopathy Checklist-Revised, entre 57 adolescentes de 15 a 19 anos que cometeram homicídio e 57 adultos que cometeram homicídio, ambos do sexo masculino, e constataram que as diferenças entre esses dois grupos não foram significativas. Segundo os autores, os adolescentes homicidas apresentaram alto índice de traços antissociais, equiparável ao dos adultos homicidas, contudo, os adultos apresentaram maiores índices nas características de psicopatia referentes à afetividade e relacionamentos interpessoais do que os adolescentes. Os

autores apontaram que esta diferença pode ser explicada pelo fato de que as características afetivas e interpessoais de psicopatia são desenvolvidas e fortalecidas com o passar do tempo e em conexão com outras pessoas (Forsman et al., 2008, citado por Lindbert et al., 2009).

Com base nos resultados de sua pesquisa, Lindberg et al. (2009) afirmaram que aproximadamente 1 em cada 5 adolescentes homicidas Finlandeses apresentaram características de personalidade psicopática e confirmaram que adolescentes homicidas com traços de psicopatia na personalidade caracterizam um subgrupo especial dentro do grupo de adolescentes infratores.

Histórico Psicopatológico

Diversos estudos apontaram a presença de enfermidades psiquiátricas no histórico de vida dos adolescentes que cometeram homicídio (Meloy et al., 2001, Anderson et al., 2001, citados por González, Escobar-Córdoba & Castañeda, 2007; Cartagena, Orozco & Lara, 2010), incluindo transtornos de personalidade (Lindberg et al., 2009), ter praticado automutilação (Baglivio & Wolf, 2017), ter tentado o suicídio e/ou outros sintomas depressivos (Meloy et al., 2001 e Anderson et al., 2001, citado por González et al., 2007; González, Escobar-Córdoba & Castañeda, 2007; Zamora, 2010).

Várias pesquisas confirmaram uma relevante prevalência de adolescentes que tiveram pais com condutas violentas e psicóticas (Lewis et al., 1983, citado por Gonzáles et al., 2007; Gomide, 2010; Zamora, 2010; Escobar-Córdoba & Castañeda, 2007;), tiveram uma mãe ou outros familiares de primeiro grau com histórico de hospitalização psiquiátrica (Lewis et al., 1983, citado por Gonzáles et al., 2007), histórico de dependência química na família (Schorr et al., 2019), ou conviveram com familiares portadores de doença mental (Baglivio & Wolff, 2017).

141

Condutas delituosas

Várias pesquisas verificaram alta prevalência de uso ou abuso de substâncias psicoativas (Heide, 1997, Anderson et al., 2001 e Meloy et al., 2001, citados por González et al., 2007; Gónzalez, Escobar-Córdoba & Castañeda, 2007; Cartagena, Orozco & Lara, 2010; Souza & Resende, 2016; Souza & Resende, 2012; Lindberg, 2009) e envolvimento em atividades ilícitas, como o furto e o tráfico de drogas (Souza & Resende, 2016; Souza & Resende, 2012). O estudo de Cartagena et al. (2010) averiguou que 43% de sua amostra não estava sob efeito de substâncias psicoativas durante o momento do homicídio, 31% estava e de 25% não foi possível coletar esse dado (Cartagena et al., 2010).

Várias pesquisas verificaram o pertencimento a gangues (Souza & Resende, 2012; Meloy et al., 2001; Anderson et al., 2001, citados por González, Escobar-Córdoba & Castañeda, 2007; Souza

& Resende, 2016) como mais frequentes entre os adolescentes condenados por homicídio, mas foram encontradas divergências. Lindberg (2009), em seu estudo realizado na Finlândia, verificou como fator preditivo ter recusado a participação em organizações criminosas.

Na pesquisa de Baglivio e Wolf (2007) o envolvimento com gangues, antecedentes criminais e uso de substâncias psicoativas não foram preditivos para o crime de homicídio na adolescência. Outros estudos depararam-se com o fato de não ter tido registros de institucionalização prévia por comportamento delituoso como uma característica recorrente entre adolescentes que cometeram homicídio (Cartagena, Orozco & Lara, 2010; Schorr et al., 2019).

Fatores Biológicos

Em uma pesquisa realizada nos Estados Unidos com adolescentes de 12 a 19 anos, Cope et al. (2014) identificaram em sua amostra de 20 jovens que cometeram homicídio uma redução significativa do volume de massa cinzenta no lóbulo temporal medial do cérebro, quando comparado com 135 jovens infratores que não cometeram homicídio e 21 jovens saudáveis provindos das mesmas comunidades e sem precedentes criminais. Os autores explicaram que as áreas afetadas estão relacionadas ao processamento social e emocional, incluindo a detecção de mentiras, a tomada de decisões morais, inferências quanto ao estado emocional dos outros e apoio a comportamentos sociais de grupo.

Além do mais, Cope et al. (2014) salientam em seu estudo que essa substância cinzenta é maleável, podendo ser influenciada por fatores hereditários e também por fatores externos ao longo do tempo, como o ambiente familiar e social. Os autores sugerem que o déficit constatado no volume de massa cinzenta da amostra pode ser um fator importante na implicação de estados emocionais deficientes envolvendo a apreciação do dano interpessoal e julgamento falho quanto a seriedade de suas ações e de outras pessoas, propiciando assim o comportamento homicida/violento (Cope et al., 2014).

Outras pesquisas também identificaram nos adolescentes que cometeram homicídio um histórico mais frequente de deficiências neurológicas graves como convulsões, lapsos de perda de consciência e epilepsia (Lewis et al., 1983, citados por Gonzáles et al, 2007; Heide, 1997, citado por Gonzáles et al., 2007; Escobar-Córdoba & Castañeda, 2007).

Casos de parricídio

Em um caso de matricídio, conforme relatado por Gomide (2010), foi verificado que o adolescente de 17 anos analisado, brasileiro, era provindo de uma família monoparental, com

ausência do pai, havia sofrido maus tratos durante a infância, incluindo abuso físico, sexual e psicológico, além de negligência física, médica e emocional, todos praticados pela mãe, com quem vivia uma relação de incesto emocional.

A autora relata que o adolescente praticava maus tratos contra animais até os 11 anos de idade, que nunca se sentiu amado e permanecia buscando pelo amor, que sentia raiva intensa, ciúme, nojo e vergonha quanto ao relacionamento que tinha com sua mãe, além de ódio, angústia e frustração constantes. Gomide (2010) afirma que o adolescente não apresentava histórico de atividades características de adolescentes infratores, como precedentes criminais, envolvimento em gangues, utilização de armas e uso regular de substâncias psicoativas, e que a motivação para o crime foi eliminar a origem da tortura, ou seja, a mãe, que foi assassinada pelo filho a facadas, de forma não planejada, após ter batido nele por ter recusado dar-lhe um beijo na boca.

Zamora (2011) relato o caso de uma adolescente colombiana autora de parricídio, no qual também destacou-se o sofrimento de abusos e negligência na infância. A autora descreve que ter tido “figuras parentais ambivalentes, hostis, agressivas, tensas, socialmente dominantes, agressoras, com quem não há vínculo; Um ciclo de punição e violências com os pais; Proibição de socialização; Promessas implícitas de violação e necessidade de se libertar do sigilo do incesto” como os fatores que levaram ao cometimento do homicídio (Zamora, 2011, p. 57).

143

4 DISCUSSÃO

Durante a averiguação dos dados, foi possível identificar a composição de diversos fatores de riscos associados ao homicídio cometido por adolescentes. Em cada artigo da revisão, houve uma variação de fatores, alguns com enfoque mais específico mediante o objetivo do estudo. Contudo, é congruente que para que um indivíduo manifeste um comportamento violento, por vez, é necessária combinação de mais de um fator (Souza & Resende, 2016; Galo & Williams, 2005).

Somente duas pesquisas dessa revisão objetivaram o relato e a análise de caso de parricídio, termo específico para quando o adolescente é o autor do homicídio cometido a um dos seus pais. Nessas pesquisas foi possível detalhar e descrever características da infância dos adolescentes e seus relacionamentos, principalmente com a figura parental. Nesses casos, destacaram-se conflitos intrafamiliares, abusos e negligências, havendo uma exposição a esses fatores por um longo período de tempo (Gomida, 2010; Zamora, 2011).

Ademais, de forma não divergente aos casos de parricídio, destacou-se nas outras pesquisas da revisão, a convivência em um ambiente familiar disfuncional aonde o adolescente foi vítima de violência, maus tratos, abusos e negligências na infância (Cartagena et al., 2010; Heide, 1997, citado por Gonzáles et al., 2007; Escobar-Córdoba & Castañeda, 2007; Lewis et al., 1983, citado por Gonzáles et al., 2007; Souza & Resende, 2012; Souza & Resende, 2016;). Como

também, ter histórico de pais ou outros familiares assassinados (Lindberg et al., 2009; Souza & Rezende, 2016) e baixo índice socioeconômico (Souza & Resende, 2012; Souza & Resende, 2016; Cartagena, Orozco & Lara, 2010).

Esses dados são congruentes com a afirmação de que a desestruturação social é comum na vida de adolescentes em conflito com a lei, no qual, a família deixa de exercer suporte afetivo, proteção e regulação social (Nardi & Dell'Argilo, 2012; Steinberg, Catalano & Doley, 1981). Além do mais, Formiga (2013) alerta que esta falta de suporte afetivo e social é um dos principais originadores da ausência de referências normatizadoras do comportamento e sensação de ausência de regras, fatores consistentemente associados ao comportamento criminoso.

Na análise da repercussão dos fatores de risco averiguados na revisão, com exceção dos fatores biológicos, a maioria dos artigos apresentaram alta porcentagem dos seguintes fatores: fatores sociais (90%), perfil psicológico (80%), histórico psicopatológico (70%), condutas delituosas (60%). Somente nos fatores biológicos houve uma incidência abaixo da média (30%). Essas porcentagens foram referentes a quantidade total de artigo compostos pela revisão (10). Conforme foi apresentado na tabela 3.

Na exploração do perfil psicológico do adolescente autor de homicídio, explanou-se em boa parte das pesquisas da revisão o histórico de comportamentos e os traços de personalidade. Conforme bem explorado na pesquisa de Souza e Resende (2016) não há um padrão de personalidade para adolescentes autores de homicídio, porém destaca-se nas pesquisas as características de psicopatia e o comportamento antissocial (Lindberg et al., 2009; Gomide, 2010; Zamora, 2010; Cartagena, Orozco & Lara, 2010; González, Escobar-Córdoba & Castañeda, 2007; Souza e Resende, 2016; Cope et al., 2014)

Na descrição das condutas delituosa, pontuaram-se as pesquisas que apresentaram o uso de drogas, envolvimento com outros crimes e participação em organização criminosa como fatores de risco. Salienta-se divergência quanto à participação em organização criminosa, em que, a recusa em participar também foi classificada como fator de risco.

Os fatores sociais abrangeram características como renda, empregabilidade, escolaridade, ambiente de convivência social e familiar. Houve consistência na relação em comum desses fatores e os adolescentes autores de homicídio, conforme destacado anteriormente, com a desestruturação social e a criminalidade.

Houve inconsistências nos fatores de condutas delituosas e nos fatores sociais, quanto ao desempenho, evasão e conduta escolar, violência no ambiente familiar, precedentes criminais, envolvimento com gangues, uso de substâncias psicoativas e a idade da primeira prisão conforme pontuado pelos autores Baglivio e Wolff (2017) em comparação com outros estudos.

No histórico psicopatológico, apresentaram-se os resultados referentes à existência de enfermidades psiquiátricas nos adolescentes autores de homicídio, como também, a existência de

psicopatologias no histórico familiar destes. Os fatores biológicos apresentaram como características de estruturas cerebrais desses adolescentes, sendo pertinentes essas investigações na pesquisa, para uma compreensão integral do crime de homicídio cometido por adolescente, envolvendo assim, análises biológicas, históricas, psicológicas e sociais.

A partir de pressupostos de Winnicott (2005) a respeito da influência do ambiente (social ou familiar), salienta-se que a capacidade de autocontrole de um indivíduo é desenvolvida dentro de um lar e que um ambiente saudável e seguro são de extrema importância para que a tendência antissocial não se manifeste. Para Winnicott (2005) os distúrbios de caráter são a manifestação clínica de uma tendência antissocial e aponta que, apesar de convergirem, a tendência antissocial se difere da delinquência.

Assim, é possível que as manifestações de agressividade sejam uma representação da realidade interior em que, mediante a tendência antissocial, originar-se o comportamento violento ou infrator como forma de solicitar ajuda, afeto ou confiança do meio (Winnicott, 2005). Nessa perspectiva a tendência antissocial não se caracteriza como um transtorno mental (Onoko-campos, 2018). De forma simbólica, a dinâmica do ambiente externo que este indivíduo está inserido, irá influenciar a construção de seu ambiente interno (Winnicott, 2005). Portanto, a partir perspectiva psicanalista de Winnicott é possível uma compreensão subjetiva o comportamento criminoso do adolescente.

145

Um aspecto importante da atual revisão, é que o sexo masculino foi um predicativo para o homicídio na pesquisa Baglivio e Wolf(2017) e na pesquisa Cartagena, Orozco & Lara (2010), porém não houve explicitação a respeito nas demais pesquisas, havendo apenas a ausência de adolescentes do sexo feminino na amostra de Schorr et al. (2019) e na pesquisa Lindberg e et al. (2009) não sendo escolha do sexo, um critério de inclusão nestas. A associação do sexo e comportamento criminoso, pode ser mais comum no sexo masculino por agirem mais impulsivamente quando comparado com as mulheres (Barbosa & Reis, 2017). Porém, não clarificou-se a respeito do crime do homicídio na atual pesquisa.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A atual pesquisa buscou identificar na literatura científica as pesquisas existentes a respeito de fatores de riscos associados ao adolescente autor de homicídio. Não houve a exclusão de artigos internacionais, porém, mediante o critério de exclusão de artigos pagos, a quantidade total selecionada, ficou reduzida.

Os resultados da revisão da literatura mostraram que há um conjunto de fatores sociais, comportamentais, psicológicos, psicopatológicos, biológicos, e muitos outros, contribuem para o cometimento de homicídio na adolescência. Embora tenha sido identificada maior consistência dos

fatores relacionados ao perfil de personalidade, não foi verificado qualquer fator universal que, isolado, seja determinante para que um adolescente cometa um crime de homicídio.

Considera-se importante o desenvolvimento de medidas preventivas para um crime altamente violento como o homicídio. O seu cometimento por adolescentes demarca uma tragédia a esses que ainda estão passando por mudanças físicas, mentais, psicossociais e a construção de uma identidade, no qual, por peculiaridades de cada caso e a influência de diversos fatores, conforme salientados na atual pesquisa, cometeram tal crime.

Espera-se indagações para mais publicações acerca da temática, principalmente em âmbito nacional mediante as poucas publicações a respeito.

6 REFERÊNCIAS

- Aberastury, A., & Knobel, M. (1992). *Adolescência normal: um enfoque psicanalítico*. 10º ed. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Baglivio, M.T., & Wolff, K.T. (2017). Previsão prospectiva de homicídio juvenil / tentativa de homicídio entre jovens infratores de início precoce. *Revista internacional de pesquisa ambiental e saúde pública*, 14 (2), 197. Recuperado de <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC5334751/>
- Barbosa, F., & Reis, A. R. (2017). Tendências de personalidade psicopática e comportamento antissocial em jovens delinquentes do sexo feminino e masculino. *Psychologica*, 60(1), 39-52. https://doi.org/10.14195/1647-8606_60-1_3
- BRASIL. (1997). Decreto Lei nº 2.268, de 30 de junho de 1997. Recuperado de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1997/D2268.htm
- BRASIL. (1940). Decreto-Lei n. 2.848, de 7 de dezembro de 1940. Código Penal. Recuperado de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del2848.htm
- Cartagena, A., Orozco, A., & Lara, C. (2010). Caracterización psicológica de menores condenados por homicidio doloso en medellín y el valle. *Revista CES Psicología*. 3(1) pág. 5. Recuperado de <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=3275409>
- Cope, L. M., Ermer, E., Gaudet, L. M., Steele, V. R., Eckhardt, A. L., Arbabshirani, M. R. & Kiehl, K. A. (2014). Abnormal brain structure in youth who commit homicide. *Neuroimage: clinical*, 4, 800-8. <https://doi.org/10.1016/j.nicl.2014.05.002>
- Perez, S. M. N., Rodrigues, T. T., Cezarini, F., & Viana, M. C. (2017). Projeto Estatístico. Departamento da Infância e da Juventude de São Paulo, SP. Recuperado de http://www.mpsp.mp.br/portal/pls/portal/!PORTAL.wwpob_page.show? docname=2611214.PDF.
- Fogaça, F. F. S. (2015). Avaliação de habilidades sociais de adolescentes em conflito com a lei em interações com familiares e amigos : Uma análise de metacontingências. (Tese de Doutorado). Universidade Federal de São Carlos, São Carlos. Recuperado de https://ppgpsi-ufscar.com.br/images/arquivos/teses-defendidas/045-Teseffsf_223534.pdf

- Formiga, N. S. (2013). Sentimento anômico e condutas antissociais e delitivas: verificação de um modelo causal em jovens brasileiros. *Liberabit*, 19(1), 33-44. Recuperado de http://www.scielo.org.pe/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S172948272013000100004&lng=es&tlng=pt.
- FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. Anuário brasileiro de segurança pública. São Paulo, 2018¹. Recuperado de <http://www.forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2019/03/Anuario-Brasileiro-de-Seguran%C3%A7a-P%C3%BAblica-2018.pdf>
- FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. Atlas da Violência 2018. São Paulo, 2018². Recuperado de http://www.ipea.gov.br/porta1/images/stories/PDFs/relatorio_institucional/180604_atlas_da_violencia_2018.pdf
- Gallo, A. E., & de Albuquerque Williams, L. C. (2005). Adolescentes em conflito com a lei: uma revisão dos fatores de risco para a conduta infracional. *Revista Psicologia-Teoria e Prática*, 7(1). Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151636872005000100007&lng=pt&tlng=pt.
- Gawryszewski, V. P., Kahn, T., & Mello Jorge, M. H. P. (2005). Informações sobre homicídios e sua integração com o setor saúde e segurança pública. *Revista de Saúde Pública*, 39(4), 627-633. <https://doi.org/10.1590/S0034-89102005000400017>
- Gomide, P. I. C. (2010). Abuso, negligência e parricídio: um estudo de caso. *Temas em Psicologia*, 18(1), 219-230. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2010000100018&lng=pt&tlng=pt.
- González, Á. R. A., Córdoba, F. E., & Castañeda, G. C. (2007). Factores de riesgo para violencia y homicidio juvenil. *Revista Colombiana de Psiquiatria*, 36(1), 78-97. Recuperado de http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-74502007000100007&lng=en&tlng=.
- Hemenway, D., & Solnick, S. J. (2017). The epidemiology of homicide perpetration by children. *Injury epidemiology*, 4(1), 5. <https://doi.org/10.1186/s40621-017-0102-2>
- Lindberg, N., Laajasalo, T., Holi, M., Putkonen, H., Weizmann-Henelius, G., & Häkkänen-Nyholm, H. (2009). Psychopathic traits and offender characteristics—a nationwide consecutive sample of homicidal male adolescents. *BMC psychiatry*, 9(1), 18. <https://doi.org/10.1186/1471-244X-9-18>
- Moher, D., Liberati, A., Tetzlaff, J., Altman, D. G., & PRISMA Group (2009). Preferred reporting items for systematic reviews and meta-analyses: the PRISMA statement. *PLoS medicine*, 6(7), e1000097. <https://doi.org/10.1371/journal.pmed.1000097>
- Mourão, A. N. M., & Silveira, A. M. (2014). Controle social informal e a responsabilização de jovens infratores. *Caderno CRH*, 27(71), 393-413. <https://doi.org/10.1590/S0103-49792014000200011>
- Nardi, F. L., & Dell'Aglio, D. D. (2012). Adolescentes em Conflito com a Lei: Percepções sobre a Família. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 28(2), 181-192. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722012000200006>

- Onocko-Campos, R. (2018). Comportamento antissocial nos jovens como sequela da privação: contribuições da clínica winnicottiana para as políticas públicas. *Interface-Comunicação, Saúde, Educação*, 22 (67), 1091-1098. <https://doi.org/10.1590/1807-57622017.0315>
- Papalia, D.E., Olds, S.W., & Feldman, R.D. (2013). Desenvolvimento Físico e Cognitivo na Adolescência. In: D. E. Papalia. *Desenvolvimento Humano* (p.384-387). Porto Alegre: Artmed.
- Saborío-Zamora, C. (2015). Análisis de caso: factores que influyeron una adolescente en la comisión del acto homicida. *Revista costarricense de psicología*, 29(44), 49-63. Recuperado de <http://www.rcps-cr.org/openjournal/index.php/RCPs/article/view/55>
- Schorr, M. T., Reichelt, R. R., Alves, L. P. de C., Telles, B. B., Strapazzon, L., & Telles, L. E. B. (2019). Youth homicide: a study of homicide predictor factors in adolescent offenders in custody in the south of Brazil. *Trends in Psychiatry and Psychotherapy*, 41(3), 292-296. <https://doi.org/10.1590/2237-6089-2018-0076>
- Souza, C. C. D., & Resende, A. C. (2016). Perfis de personalidade de adolescentes que cometeram homicídio. *Psico-USF*, 21(1), 73-86. <https://doi.org/10.1590/1413-82712016210107>.
- Souza, C. C.D., & Resende, A. C. (2012). Transtornos psicológicos em adolescentes socioeducandos. *Avaliação Psicológica*, 11(1), 95-109. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-04712012000100010&lng=pt&tlng=pt
- Steinberg, L. D., Catalano, R., & Dooley, D. (1981). Economic antecedents of child abuse and neglect. *Child development*, 3 (52), 975-985. Recuperado de <https://www.jstor.org/stable/1129102?seq=1>
- Winnicott., D.W (2005). *Privação e delinquência*. (Alvário Cabral, Trad & Monica Stahel M. Da Silva, Revisora)4º edição. São Paulo, Livraria Martins Fontes Editora LTDA (trabalho original publicado em 1984. 1º edição brasileira em 1987).